

## RENDA E SAÚDE MENTAL MATERNA: RESULTADOS DO ESTUDO WEBCOVID

KARINA DONATTI<sup>1</sup>; FERNANDO GUIMARÃES<sup>2</sup>; MARLOS RODRIGUES  
DOMINGUES<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [karinamanfrin@hotmail.com](mailto:karinamanfrin@hotmail.com)

<sup>2</sup>Programa de Pós-graduação em Epidemiologia, Universidade Federal de Pelotas –  
[guimaraes\\_fs@outlook.com](mailto:guimaraes_fs@outlook.com)

<sup>3</sup>Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas –  
[marlosufpel@gmail.com](mailto:marlosufpel@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Em 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia. Essa realidade resultou em medidas de bloqueio total ou parcial das atividades laborais e sociais para conter a Covid-19, colocando em crise o setor econômico. Tal cenário gerou crise humanitária, insegurança alimentar e doenças mentais como depressão e ansiedade (COSTA, 2020).

Intrinsecamente, o baixo nível socioeconômico pode ser relacionado negativamente com a saúde mental, visto que essa população sofre em até 3 vezes mais ansiedade e outras doenças mentais, do que aqueles com a renda mais alta. Além disso, mudanças no curto prazo na situação econômica, como o advento de uma pandemia, têm maior impacto na saúde mental, desenvolvendo mais ansiedade, do que mudanças de longo prazo (RIDLEY, 2020).

Nesse sentido, saúde mental é definida pela OMS como um estado de bem estar no qual o indivíduo realiza suas atividades, lida com o estresse normal da vida, trabalha e contribui com a sua comunidade (GAINO, 2018). No entanto, também é um equilíbrio entre bem estar e mal estar. Quando perturbações diárias rompem esse equilíbrio, doenças como o Transtorno de Ansiedade Generalizado (TAG) e depressão podem ocorrer (ALMEIDA, 2014).

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo descrever e relacionar a renda familiar e saúde mental no período da pandemia (2020), nas mães participantes da coorte de nascimentos de Pelotas, 2015, utilizando dados do acompanhamento WebCovid da Coorte 2015.

### 2. METODOLOGIA

A Coorte de 2015 acompanha a saúde das crianças nascidas no ano de 2015, monitorando o desenvolvimento físico, cognitivo e socioeconômico ao longo da vida (HALLAL, 2018). Durante a pandemia, a Coorte realizou o acompanhamento WebCovid, aplicando um questionário online com o objetivo de avaliar as mudanças nos hábitos e comportamentos em saúde das famílias da Coorte 2015.

Assim, foram elegíveis para participar todas as crianças dessa Coorte que tinham ordem de nascimento número um, ou seja, em caso de gêmeos, somente o primeiro nascido vivo era elegível, totalizando 4158 crianças. Os questionários eram respondidos pelas mães, das quais 106 recusaram, 2182 responderam mais de 80% e uma mãe respondeu parcialmente, entre 50% e 80%, o que resultou em uma taxa de resposta de 53,19%.

Utilizou-se a escala GAD-7, que consiste em um questionário com 7 itens, que classificam o TAG, questionando sobre o grau em que a participante foi

incomodada por se sentir nervosa ou ansiosa, não ser capaz de parar ou controlar a preocupação, ter problemas para relaxar, se preocupar demais com coisas diferentes, ser tão inquieta que é difícil ficar parada, irritar-se facilmente e se sentir com medo como se algo pudesse acontecer. Mães que tiveram 10 pontos ou mais no GAD-7 foram consideradas como ansiedade moderada ou grave (FILHO, 2021).

A escolaridade materna (0 a 4, 5 a 8, 9 a 11, 12 ou mais anos de estudo), renda familiar (em quintis de renda) e idade materna (menor que 20, entre 20 e 34 e maior que 35 anos) foram coletadas no acompanhamento dos 48 meses. Já as variáveis de percepção de melhora ou piora de renda (piorou muito, piorou um pouco, não mudou, melhorou) e recebimento de ajuda financeira (sim, não) foram coletadas no WebCovid. Realizaram-se análises descritivas por meio de frequências absolutas e relativas, além do teste qui-quadrado, adotando um nível de significância de 5% para testar a associação entre ansiedade materna com as variáveis de exposição relacionadas à renda. Adicionalmente, avaliou-se tendência linear para variáveis ordinais. Para análise de dados do estudo, foi utilizado o programa STATA 14.2. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPel e os pais ou representantes legais foram esclarecidos dos objetivos e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No acompanhamento WebCovid da Coorte de nascimentos de Pelotas 2015, mais de 2000 mães responderam a mais de 80% dos itens do questionário (N=2182). A amostra consiste majoritariamente de mulheres com idade entre 20 e 34 anos (66,2%) e com 12 anos ou mais de escolaridade (44%). Quanto ao desfecho, 22,8% das mães foram classificadas como tendo sintomas moderados ou graves de ansiedade. Assim como 28,2% relataram que a pandemia piorou um pouco seu estado de saúde.

Dessa forma, é imperioso lembrar que o mundo já estava em estado de pandemia e já havia mais de 150 mil óbitos até dezembro de 2020 no país, necessitando isolamento social para tentar conter a transmissão da doença (NEVES, 2021). Apesar de positivas para a atuação na vigilância sanitária, essas decisões causaram consequências no endossamento das desigualdades sociais, no impacto econômico e nos reflexos na saúde física e mental dos indivíduos (COSTA, 2020). Intrinsecamente relacionado a isso, tem-se a percepção de melhora ou piora de renda familiar das participantes do WebCovid, quando 42,5% referiu que no último mês a renda piorou um pouco em comparação a períodos anteriores.

Além disso, também há o contexto em que famílias de baixa renda sofrem mais com a perda de empregos e de renda, do que famílias de renda superior. Isso se deve à maior inserção informal daquelas famílias no mercado de trabalho, como no setor de serviços, o qual é um dos mais impactados pela crise (CARDOSO, 2021). Tal cenário outorga a necessidade de criação de programas que ajudem essa população mais afetada pela crise, como a criação do Programa Renda Básica Emergencial, já que em maio de 2020 essa era a única fonte de renda para 5,2% dos domicílios (NEVES, 2021). Da mesma forma, no acompanhamento WebCovid, 56,7% das mães afirmaram terem recebido alguma ajuda financeira, seja ela do governo, de parentes e amigos.

Essa diminuição de renda e, por si só, a pobreza, está relacionada com saúde mental, causando doenças mentais como depressão e ansiedade. Dessa forma, as preocupações e incertezas que acompanham os tempos difíceis, como a volatilidade de renda podem causar problemas na saúde mental, distorcer tomada de decisões de maneira que perpetuam a pobreza, afetando a função cognitiva, as preferências e as crenças (RIDLEY, 2020).

Em vista disso, entre as mães 20% mais pobres, a prevalência de ansiedade moderada/grave foi de 23,3% e, entre as 20% mais ricas, a prevalência foi de 15,2%, sendo significativo para tendência linear ( $p < 0,001$ ). Assim como entre as mães que relataram que a renda piorou muito, no mês anterior à data da entrevista, 38,5% relataram ansiedade ( $p < 0,001$ ). Por fim, de acordo com aquelas que receberam alguma ajuda financeira, 26,7% tiveram prevalência de ansiedade (Tabela 1).

**Tabela 1** – Distribuição da amostra e prevalência de ansiedade, de acordo com as variáveis relacionadas à renda familiar, estudo WebCovid, 2020.

	Ansiedade moderada/severa		
	N (%)	Prevalência (%)	p-valor
<b>Renda (em quintis)</b>			$p < 0,001^*$
1º (mais pobres)	325(16%)	23,3%	
2º	426(20%)	21,3%	
3º	418(20%)	20,0%	
4º	442(21%)	20,2%	
5º (mais ricos)	498(23%)	15,2%	
<b>Recebeu ajuda financeira na pandemia</b>			$p < 0,001$
Não	945(43%)	17,9%	
Sim	1.234(57%)	26,7%	
<b>Mudanças de renda na pandemia</b>			$p < 0,001^*$
Piorou muito	460(21%)	38,5%	
Piorou um pouco	928(42%)	20,5%	
Não mudou	647(30%)	15,8%	
Melhorou	147(7%)	20,4%	

\*Valor p de tendência linear

#### 4. CONCLUSÕES

Foi possível perceber o aumento da prevalência de ansiedade conforme diminuíram os quintis de renda familiar. Isso porque, através do GAD-7 foi possível a comparação entre diminuição da renda durante a pandemia e a significativa presença de sintomas moderados e graves da ansiedade. Também se observou que houve maior ansiedade nas mães que receberam ajuda financeira, indicando como a insegurança financeira pode ser deletéria.

Outro fato importante é que essa pesquisa também confirmou que a população mais pobre sofre mais em períodos de crise, pois as mais ricas relataram um grau de ansiedade inferior ao das mães mais pobres.

Por fim, esse acompanhamento é importante, além de rastrear a redução de saúde mental na pandemia e relacionar com diminuição de renda, também para refletir sobre como a pobreza em si não afeta só o consumo de bens, alimentação ou a qualidade de vida, mas também afeta o psicológico, potencializa distúrbios mentais e pode perpetuar a pobreza.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, S. S. Pandemia e Desemprego no Brasil. **Revista da Administração Pública**, Brasil, 54 (4), p.969-978, 2020.

RIDLEY, M., RAO, G., PATEL, V., SCHILBACH, F. Poverty, Depression, and Anxiety: Causal Evidence and Mechanisms. **SCIENCE**, Estados Unidos, v.370, n.6522, 2020.

GAINO, L. V., SOUZA, J., CIRINEU, C., T., TULIMOSKY, T., D. O conceito de Saúde Mental para Profissionais de Saúde: Um Estudo Transversal e Qualitativo. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, Brasil, 14(2), 2018.

ALMEIDA, J. S. P. **A Saúde Mental Global, a Depressão, a Ansiedade e os Comportamentos de Risco nos Estudantes do Ensino Superior: Estudo de Prevalência e Correlação**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Vida) - Universidade Nova de Lisboa.

HALLAL, P.C., BERTOLDI, A.D., DOMNINGUES, M.R., DA SILVEIRA, M.F., DEMARCO, F.F., DA SILVA, I.C.M., BARROS, F.C., VICTORA, C.G., BASSANI, D.G. Cohort Profile: The 2015 Pelotas (Brazil) Birth Cohort Study. **International Journal of Epidemiology**, Reino Unido, v.47, n.4, 2018.

FILHO, C. I. S., RODRIGUES, W. C. B. L. V., CASTRO, R. B., MARÇAL, A. A., PAVELQUEIRES, S., TAKANO, L., OLIVEIRA, W. L., NETO, C. I. S. Moderate and Severe Symptoms of Anxiety and Depression are Increased Among Female Medical Students During the COVID-19 Pandemic. **Health Sciences**, Estados Unidos, v.10, n.6, 2021.

NEVES, J. A., MACHADO, M. L., OLIVEIRA, L. D. A., MORENO, Y. M. F., MEDEIROS, M. A. T., VASCONCELOS, F. A. G. Unemployment, Poverty, and Hunger in Brazil in Covid-19 Pandemic Times. **Revista de Nutrição**, Brasil, v.34, e200170, 2021.

COSTA, F. F., ROSA, I. R., PINHO, L., SILVA, M. L. P. D. Pandemia da Covid-19: Impactos à Renda e ao Aumento do Consumo de Alimentos Ultraprocessados. **Revista Unimontes Científica**, Brasil, v.22, n.2, 2020.

CARDOSO, D. F., DOMINGUES, E., MAGALHÃES, A., SIMONATO, T., MIYAJIMA, D. Pandemia de Covid-19 e Famílias: Impactos da Crise e da Renda Básica Emergencial. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Brasil, n. 28, 2021.